



Resenha do livro *Lacan, leitor de Joyce*

Vera Pollo

Autora: Colette Soler

Tradução: Cícero Oliveira

Editora Allier, 2018

Publicado na França em 2015, *Lacan, leitor de Joyce*, último livro de Colette Soler, é agora lançado no Brasil pela Editora Allier, em cuidadosa tradução de Cícero de Oliveira. No estilo que lhe é característico, o de indagar afirmações por vezes enigmáticas de Lacan, para oferecer-lhes logo em seguida uma ou duas respostas, Colette Soler nos faz ver, em *Lacan, leitor de Joyce*, que a influência deste último sobre o conjunto da obra de Lacan é maior do que se poderia pensar à primeira vista, e está longe de restringir-se ao Seminário 23.

A ideia central de Soler, ou melhor, a tese que defende, e com argumentos fortes, é de que Lacan foi habitado por Joyce, apropriou-se dele. Não fez análise literária, nem se deixou fascinar pelo texto de Joyce, e a prova maior disso é que não o cita com frequência. Invento-lhe, todavia, um diagnóstico inédito. Segundo Lacan, Joyce manifestaria uma “doença da mentalidade.” Talvez se possa dizer que Colette Soler (2018:21) faz o mesmo, uma vez que ela diagnostica Joyce por meio do sintagma lacaniano “uma diferença absoluta”. E, não por acaso, um sintagma que Lacan (1964) emprega para se referir ao fim da análise, em seu *Seminário, livro 11*, propondo então que uma análise conduzida até o último termo alcança a maior diferença possível entre o significante e o significado.

Decerto foi inspirada por *Finnegans Wake*, que a autora decidiu iniciar seu livro por meio de considerações sobre o fim de análise e sob o argumento de que, bem mais do que a obra joyceana, “Lacan analista admira o caso” (2018:19). O caso Joyce, então, será o objeto deste novo livro-pesquisa de Colette, que estabelece um diálogo entre a obra de Lacan e os três livros mais conhecidos do grande escritor

irlandês: *Um retrato do artista quando jovem, Ulisses e Finnegans Wake*. Assim posto, Soler assinala algumas diferenças entre a perspectiva freudiana e a lacaniana, no que tange à relação da psicanálise com a arte. Se, para Freud, a interpretação analítica pode ser aplicada ao *savoir-faire* do artista, que é um trabalho do inconsciente, Lacan inverte a perspectiva, para que a intérprete seja a arte.

O primeiro capítulo de *Lacan, leitor de Joyce* elabora a diferença entre a concepção freudiana de sintoma, correlata ao “inconsciente estruturado como uma linguagem”, e o *sinthoma* que advém do real. Enquanto o primeiro obedece à lei do significante que o põe a deslizar, o segundo é inamovível. Intitulado “Sintoma, *Sinthoma*”, este capítulo chama a atenção para o fato de que Lacan, nos textos mais tardios de seu *work in progress*, alterna entre as duas grafias do vocábulo sintoma em francês: *symptôme* e *sinthomme*, em português: sintoma e *sinthoma*. E Soler cita a observação de Lacan de que duas vertentes se ofereciam à arte de Joyce (:49). A grafia mais antiga na língua francesa, aquela em que se encontra a letra h, faz aparecer a multiplicidade dos equívocos do que se ouve de sonoro no “saber falado”, sua sonoridade remete simultaneamente a sintoma e a São Tomás, importante referência de Joyce no que diz respeito à estética e à epifania, em particular; remete ainda ao vocábulo inglês, *sin*, ou seja, pecado.

Ao adjetivar a fantasia de fundamental e dizê-la real, Lacan, assim como Joyce, estaria menos interessado no “romance familiar” do que na distância que separa a ficção histórica da ciência. Quanto ao leitor, ele se depara subitamente com um traço bem característico de Soler, cujo texto o arremessa a fenômenos da contemporaneidade. Cito-a: “o século passado foi acordado de seu pensamento utópico com um sobressalto, chocando-se com o pesadelo bem real do impensável dos totalitarismos exterminadores. Quanto ao século que começa, suas chamadas crises incontrolláveis poderiam ensinar-lhe também os limites do verbo político” (:27). Nada mais atual!

“Joyce o sintoma”, propõe Soler, não é o nome de uma patologia, mas de uma solução, por esse motivo ele é também “Joyce o borromeano”. E, na parte final deste pequeno grande livro, o autor de *Um retrato do artista* é “Joyce o Nome”. Ele, decerto, “fez mais do que se renomear, ele criou um nome para si como tantos outros, mas um nome que tem efeito borromeano” (:197). Porém, antes de qualquer conclusão, Colette nos conduz pelas elaborações mais tardias de Lacan acerca da função do Pai real, da forclusão generalizada da relação sexual e das consequências do erro do nó, como a ruptura da cadeia da linguagem e da fala (:40-41).

O capítulo intitulado “O herético” estabelece um diálogo, como dissemos acima, entre a noção lacaniana de heresia, R.S.I., e dados da Biografia de Joyce, escrita por Richard Elmann. Dados, em particular, de sua temporada em Roma, onde esteve apenas seis meses antes de Freud. Todavia, à diferença deste, Joyce detestou Roma e deu suas razões: “Sou atormentado, todas as noites, por sonhos

terríveis e aterrorizantes: morte, cadáveres, assassinatos [...]” (*apud* Soler, op. cit.:63).

Conduzido pela heresia do seu “sinthoma com rodinhas”, Joyce teria assumido uma posição negacionista, uma “determinação assumida, com a certeza de uma rejeição quase visceral” (:56). Soler quem recorda um de seus trabalhos anteriores, no qual já havia chamado a atenção para o *Nego* de que fala Joyce em sua obra *Um retrato do artista*. Desta vez, porém, ela recorre a Jacques Aubert, para esclarecer o *Nego* joyceano como a “primeira pessoa de um singular performativo, tomado do latim da igreja” (:56).

No capítulo “Um diagnóstico original”, Soler retoma a pergunta feita por Lacan, em 10 de fevereiro de 1976: “Joyce era louco?”. Segundo ela, esta não é propriamente uma questão diagnóstica, e não apenas porque todo mundo delira, mas também porque “a tese Joyce o sintoma já havia sido proposta” (:79). Logo, o que Lacan verdadeiramente indagava eram os efeitos da suplência-sinthoma sobre o imaginário solto de Joyce. Como quer que seja, a esta altura do livro de Soler, surge uma elaboração que nos parece uma contribuição original aos estudos joyceanos: a afirmação de que, se *Um retrato* é a certeza antecipada pela qual Joyce se faz “filho necessário”, *Ulisses* é a confirmação desta certeza (:85).

Soler comenta que, diferentemente do que sucede com a maioria dos sujeitos que procuram uma análise, Lacan acredita que houve a correção tardia do nó em Joyce. Ela também ressalta que, embora Lacan tivesse mencionado a “carência paterna”, nunca chegou a afirmar a psicose de Joyce. “Carência do próprio significante” (:88), prossegue a autora, conduzindo-nos novamente por passagens do livro de Ellman, em que nos deparamos com o pai de Joyce, um bêbado irresponsável que conduziu sua própria família à ruína e à indignidade. Lado a lado com passagens de autoria de Ellman, Soler retoma considerações lacanianas sobre a pluralização de *nomes do Pai* e relembra que, para que um pai seja modelo da função e não haja efeito foraclusivo, duas condições são necessárias: um desejo de paternidade e um meio-dizer. Em suas palavras: “um pai não deve ser um *deuzer*, ele só tem um dever: ser um meio-*deuzer*” (:93).

Em seguida, somos convidados a decifrar a expressão “foraclusão de fato” (Lacan, 1975-76). Um fato, uma foraclusão, portanto, mas que só é assegurada porque é dita (:96). Curiosa formulação em que a defesa, pois Freud assim a denominou, parece exigir um segundo tempo sem o qual não se pode afirmá-la. No caso Joyce, então, uma “demissão paterna” que só se diagnostica pelo dizer do filho, o dizer de Stephen Dedalus, que Soler escreverá oportunamente “Stephen-Joyce”. Por meio deste duplo literário, Joyce testemunha ter se sentido “chamado”, e mais: “sobrecarregado de pai” e com a missão de “sustentá-lo para que ele subsista” (:99). Logo, “por sua arte, no lugar assim desobstruído, ele produz o sinthoma de suplência que é ele mesmo. Lacan o nomeia “o filho necessário” (:100).

Sem o corpo, sem o inconsciente, sem mulher – sequência de subtítulos

do capítulo “Sintoma” (:101-132) – Soler prossegue afirmativamente: Joyce, *the individual*, nem psicose, nem neurose. Mas não dá tempo para que levantemos muitas questões, pois logo esclarece seu entendimento do caso Joyce: um espírito ao abrigo das paixões especulares, experimentando desprezo por tudo que se curva aos semblantes da família, da religião, da política e do próprio casal. Um sujeito sem corpo, ou quase, pelo pouco que investia nas sublimações narcísicas, pelo pouco que dele se servia, porém dotado de uma hipertrofia da coisa verbal (:113). Embora considere “arriscada”, Soler propõe a fórmula: “Joyce sem mulher” (:119). E propõe-na não sem citar Lacan, que afirmara só existir uma mulher para Joyce, Nora, a única. Sua hipótese é de que, entre Joyce e Nora, “se não há tanto a objeção fálica que classicamente faz barragem à relação sexual, há o que vou chamar de barragem *egótica*, para fazer equívoco entre seu *ego-sintoma* e o sentido da palavra *egótico* em francês” (:130). Mas o tradutor de *Lacan, leitor de Joyce* vem a nosso auxílio, esclarece em nota de rodapé que *égotisme* significa “disposição a falar de si” em análises detalhadas, ou ainda “culto ao eu, mania particular de falar de si” (:130).

Na segunda metade do livro, Soler chega à problemática da nomeação e das “letras ilegíveis” (:143). Afirma ter sido com o nome que ele deu a si mesmo, sem árvore genealógica, que o *sinthoma* fez suplência à forclusão de fato. Pois, enquanto o analista usa o equívoco como arma contra o sintoma, Joyce “fixa o gozo na própria pulverulência do equívoco” (:138). Isso faz com que “o gozo de Joyce, o artista, pareça mais vizinho daquele do matemático que daquele do romancista”. Entre o real e o simbólico, Joyce dá provas de “um puro gozo das letras múltiplas de línguas não menos múltiplas” (:143-148).

O “Retorno sobre as epifanias” será feito com a ajuda de Jacques Aubert (:148), já o dissemos. Este lhe permite enfatizar a falta da “atribuição subjetiva” que faria das epifanias alucinações verbais. Todo inconsciente é neológico, justamente por ser singular e em decorrência da *moterialidade* dos significantes. O ato de Joyce seria comparável ao de Duchamp, extraíndo o objeto de sua funcionalidade cotidiana, para elevá-lo a “uma unicidade nova e admirável” (:156). E o resultado é a produção de uma linguagem muito particular, na qual “*lalangue*, e até mesmo *leslangues*” nada mais são do que “sinais gozados” (:159).

Joyce é o escritor por excelência do enigma, mas é também, demonstra-o Soler, aquele que renuncia a resolver o enigma, ou *Finnegans Wake* não teria sido a obra com a qual ele mais se identificou, e pela qual resolveu fazer seu escabelo (:163). Após perguntar se *Finnegans Wake* não é um sonho, Soler declara: “...trata-se de um sonho saturado de gozo que desperta, e, entretanto, não desperta, é até mesmo um sonho sem fim, que termina com o artigo *the* que faltava em sua primeira frase “*riverum* [...]” O título, observa Soler, provém de uma canção popular irlandesa que narra a história de um sujeito que ressuscita durante a vigília mortuária. Por isso, ela pode concluir: “...se os sonhadores da realidade podem sonhar com acordar para o

real do gozo opaco, o desperto do sentido, ele sonha com o inverso, com um sonho sem fim...e compartilhado” (:179).

Lacan, leitor de Joyce traz alguma ironia em suas páginas mais próximas ao fim, sugere que Joyce não quis resolver o enigma, mas os joyceanos podem enfrentar o desafio e produzir “Joyce, o dédalo (us), Joyce, o ilegível, Joyce, l’ élangues, e até mesmo Joyce, o enigma etc...” (:171). É que a arte-dizer é rival da função pai e permite “abster-se” de pai. O *savoir-faire* do artista-artesão corrige o lapso do nó, re-enoda o imaginário por meio do ego-sinthoma, e lhe dá acesso ao gozo fálico sem o pai.

Soler pede desculpas por ter contribuído para que muitos leitores lacanianos não hesitassem em afirmar a psicose de Joyce, como ela mesma o fez, sem considerar suficientemente que “o dizer não só prescinde de qualquer pai, [como] o dizer é Pai” (:203). Quanto a Lacan, este também teria se enganado, na opinião da autora, ao considerar o casamento como resíduo irreduzível da degradação dos laços sociais, pois “não é a família, mas o indivíduo, o resíduo último” (:209). Com os sintomas singulares é possível, mas não necessário, fazer laço com o outro sexo. A paridade homem-mulher não tem nenhum sentido em nível erótico (:127), Soler o sugerira algumas páginas atrás, mas ela agora quer assinalar que *Exilados* –peça teatral de James Joyce –é o testemunho do sintoma da não relação sexual que o sujeito experimentou (:195).

Lacan, leitor de Joyce é, claramente, um livro para estudiosos não apenas da obra de Lacan, como também da obra de Joyce. Não é uma leitura introdutória nem a um autor, nem ao outro, mas é um livro enriquecedor, exatamente na medida em que imbrica um no outro, de uma forma inigualável. Não poderia terminar de forma diferente. Em tempos de totalitarismos e de “crises incontrolláveis” (:27), impõe-se advertir os analistas: é preciso buscar o real, se possível, antes que advenha. É sábio, apreender com Lacan e Joyce, o modo como o Nome atrela um real à ordem da linguagem. O dizer do Nome é imposto ou chamado por meio de um real. Presenciamos hoje a “taxinomia desenfreada”. Isto não leva ao pior. O Nome enoda gozo e dizer, dois acontecimentos distintos, faz o gozo singular entrar no laço social. O que singulariza não pode também coletivizar? Quanto aos analistas, que abandonem as velhas categorias! Colette *dixit*.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.